

Mudanças militares devido a falhas econômicas

Diante da decepção econômica, Trump retomou uma postura militarista. Não conseguiu restaurar a hegemonia do dólar, reduzir o déficit comercial ou incentivar a repatriação de grandes corporações. Ao contrário, aumentou os riscos com sua aposta na bolha da IA. Optou por incitar a guerra para intensificar a perseguição a imigrantes, mas isso não compensou seu enfraquecimento político interno, e ele enfrenta rejeição nas ruas. Ele não conseguiu reverter o declínio do Sonho Americano.

Claudio Katz*

Em 2016, Trump optou por uma abordagem mais belicosa em resposta aos fracassos econômicos do ano anterior. Incapaz de restaurar a primazia monetária, comercial e produtiva dos Estados Unidos, ele embarcou nessa guinada militarista.

Em apenas alguns meses, ele intensificou o genocídio na Palestina, orquestrou o sequestro de Maduro, desencadeou uma guerra contra o Irã, endossou provocações contra a Rússia, aprovou o rearme do Japão e aumentou significativamente o arsenal militar da Alemanha. Ele não apenas deu carta branca ao Pentágono para novos gastos, como também restabeleceu um clima internacional de guerra perpétua. Diante da abrupta decepção que encontrou na esfera econômica, ele retornou ao curso militarizado de Biden, Obama e Bush, que esperava reverter.

DECEPÇÕES EM TODAS AS ÁREAS

Trump tentou engrandecer os capitalistas americanos às custas do resto do mundo por meio de políticas econômicas coercitivas, como sanções, tarifas e chantagem. Ele buscou revitalizar o império decadente com a programa da comunidade empresarial americanista (que prioriza o mercado interno), em conflito com seus homólogos globalistas (que priorizam os negócios no exterior).

Ele inaugurou esse curso com caos premeditado nos mercados, divulgando tabelas tarifárias e fazendo declarações arrogantes com o objetivo de impor sua autoridade. Tentou restaurar a hegemonia do dólar, reduzir o déficit comercial e incentivar a repatriação de grandes empresas.

Sua prioridade era restaurar a preeminência do dólar, impondo uma taxa de câmbio baixa para as exportações e um preço alto como reserva de valor. Ele buscava favorecer as vendas americanas, ao mesmo tempo em que assegurava o status privilegiado do dólar americano como moeda de reserva mundial. Seu

objetivo era revitalizar o imperialismo do dólar e o consequente endividamento ilimitado da principal potência mundial, subordinando todos os parceiros internacionais às prioridades de Washington.

Trump procurou reforçar essa primazia para deter a tendência lenta, porém constante, de desdolarização das transações globais, mas não conseguiu contê-la. A China continuou seu abandono gradual do dólar americano e, no setor energético, persistiu a introdução de uma nova variedade de moedas de pagamento. Rússia, Índia, Arábia Saudita, Turquia e Paquistão validaram essa mudança, e os projetos desenvolvidos pelos BRICS para estabelecer um sistema monetário alternativo foram retomados.

A mesma frustração foi observada na área comercial. Trump radicalizou as sanções tarifárias que surgiram da crise financeira de 2008 e do declínio da globalização neoliberal. Ele transformou esse protecionismo molecular em uma brutal enxurrada de tarifas (García Linera, 2023).

Mas o magnata encontrou ampla resistência, o que neutralizou sua escalada. A maioria dos países afetados ameaçou com duras represálias, tornando sua bravata alfandegária sem sentido. As declarações do magnata não tiveram efeito dissuasor porque ocorreram no momento errado da história. Barreiras comerciais foram uma ferramenta eficaz para potências emergentes, mas dificilmente são viáveis para um país que há muito perdeu sua juventude econômica.

O fracasso do protecionismo também afetou o nível de atividade da economia americana, já fragilizada pelo consumo lento e pelos altos riscos inflacionários. As mensagens oficiais que penalizavam as importações e protegiam a produção nacional alimentaram o aumento dos custos de produção e exacerbaram as tensões entre Trump e os membros do Federal Reserve. Autoridades de ambos os lados não conseguiram conciliar os cortes nas taxas de juros — promovidos pelo presidente para evitar a desaceleração econômica — com os aumentos exigidos pelos banqueiros para impulsionar seus lucros.

A guerra com o Irã, a alta dos preços da gasolina e o agravamento do déficit fiscal exacerbaram essas divergências. Trump já gastou US\$ 25 bilhões na aventura militar no Golfo Pérsico e está brincando com fogo ao aumentar ainda mais os gastos públicos descontrolados. O magnata não conseguiu conter a preferência pelo ouro e a queda nos preços dos títulos do Tesouro. Sua política de oferta, que consiste em cortar impostos para os ricos, aumentou ainda mais os riscos da crise fiscal.

Mas o maior fracasso de Trump foi na reindustrialização. Ele tentou, sem sucesso, convencer as empresas americanas a retornarem aos Estados Unidos, reconhecendo que o domínio americano nos setores de serviços, finanças e

tecnologia não compensa o declínio acentuado da indústria manufatureira do país. Sua proposta de paralisação da economia agravou esse problema, já que, em um ambiente de cadeia de suprimentos globalizada, o protecionismo amplia a diferença de custos e torna a produção nos Estados Unidos menos atrativa .

Trump não introduziu quaisquer incentivos para reverter a baixa produtividade da economia dos EUA e a financeirização de suas empresas. No primeiro ano de seu segundo mandato, não houve o menor sinal do ressurgimento industrial que ele esperava (Lapavitsas , 2026).

Essa decepção reforçou seu compromisso com a Inteligência Artificial, como o único suporte para o renascimento prometido pelo slogan do MAGA. O magnata está apostando tudo nesse desenvolvimento, incentivando o impressionante investimento no mercado de ações atualmente concentrado nesse setor.

Um punhado de ações relacionadas à IA representa 40% da capitalização total de mercado das 500 maiores empresas, e as ofertas públicas iniciais (IPOs) da SpaceX, OpenAI e Anthropic estão captando somas sem precedentes. Esse influxo de dinheiro já ultrapassou o boom da bolha da internet que acompanhou a ascensão da internet na década de 1990, bem como o boom ferroviário do século XIX. A atual frenesi especulativa ecoa esses dois precedentes, enquanto as empresas que colhem essa enxurrada de capital não têm receita nem retornos compatíveis com as expectativas geradas.

Elas desencadearam um boom no setor tecnológico, que contrasta fortemente com a competitividade decrescente que prevalece em outros setores, e uma grande questão permanece: qual será o efeito da IA na produtividade e nos lucros da economia como um todo? Os sinais de uma colossal bolha financeira são tão perceptíveis quanto a enorme convulsão que resultaria do estouro dessa bolha. Embora espere evitar tal colapso durante seu mandato, Trump está reforçando a guinada belicosa (Roberts 2026).

FRATURA NA ELITE, REJEIÇÃO SOCIAL

O chefe da Casa Branca também retomou uma abordagem militarista para lidar com o enfraquecimento de sua posição política interna. Ele esperava contrabalançar a crescente divisão dentro do bloco capitalista que o levou ao poder com sucessos militares no exterior . Uma erosão dessa coalizão, composta por líderes empresariais pró-americanos, empresas digitais, empresas do complexo militar-industrial, facções do setor financeiro e empresas focadas no mercado interno, já é evidente. Há um descontentamento generalizado e muitos setores estão se distanciando do magnata.

Essas divergências decorrem, em grande parte, de disputas econômicas no topo da hierarquia, entre protecionistas radicais (Navarro) e figuras poderosas com

investimentos no exterior (Musk). Há também conflitos entre o capital financeiro tradicional e o baseado em criptomoedas, além de inúmeros embates sobre interesses comerciais disputados. O presidente cercou-se de líderes empresariais em ascensão (tubarões), que estão em conflito com seus pares do espectro tradicional (falcões).

Trump teve que arbitrar entre diversos interesses, mas sua perda de autoridade é evidente nos votos contrários que enfrenta no Senado e nos vetos da Suprema Corte às suas políticas econômicas. O magnata tornou-se alvo de constante chantagem devido aos seus laços com o depravado Epstein, que supostamente usava seus métodos de extorsão a serviço da CIA e do Mossad.

Os documentos que incriminam gravemente Trump refletem a pressão típica exercida pelo "estado profundo" para influenciar as ações de todos os presidentes. Clinton sofreu extorsão semelhante por má conduta sexual, como a que o atual ocupante da Casa Branca enfrenta. Se a dissidência aumentar, a possibilidade de assassinatos estranhos como os que tiveram como alvo outras figuras como Kennedy permanece. As tentativas suspeitas de tirar a vida de Trump se encaixam nesse padrão.

Mas a maneira mais imediata de destituir um presidente fracassado é por meio do impeachment, o mesmo processo que derrubou Nixon. Essa ameaça paira sobre a continuidade da presidência de Trump caso ele perca o controle de ambas as casas do Congresso nas eleições de meio de mandato.

A grande maioria das eleições de meio de mandato e estaduais realizadas nos últimos dois anos foi desfavorável a Trump. A mesma tendência é evidente em todas as pesquisas e sondagens de opinião. Esse descontentamento está impactando o próprio Partido Republicano, que está fomentando uma crescente ala anti-Trump.

O declínio é palpável na esfera cultural, onde os princípios racistas e chauvinistas do MAGA sofrem reveses diários. Fortes manifestações de repúdio a Trump irrompem em grandes eventos esportivos, teatrais e cinematográficos. A vasta maioria das figuras influentes na opinião pública incentiva essa rejeição.

A GUERRA INTERNA CONTRA OS IMIGRANTES

As aventuras militares são a fuga tradicional de tais infortúnios, mas Trump também tentou usá-las para manter viva sua cruzada contra os imigrantes. Com essa campanha, ele está alimentando uma base social contrária ao progressismo liberal, uma base que nutre sentimentos de vingança e hostilidade contra os outros como forma de lidar com suas próprias dificuldades de pobreza, miséria e baixa renda.

Os imigrantes são o bode expiatório que Trump demonizou, retratando-os como exploradores do bem-estar alheio. Ele espalha mentiras absurdas para incitar um nacionalismo retrógrado dos pobres contra os pobres, substituindo o antigo racismo anti-negro pela difamação dos latinos.

Sob essa bandeira, ele alinhou incursões militares no exterior com a caça interna a imigrantes, multiplicando as deportações e concedendo plenos poderes aos grupos paramilitares do ICE para assediar, espancar e deter imigrantes indocumentados. Ele tentou instigar uma verdadeira guerra interna para reforçar sua centralização do poder presidencial por meio de uma campanha que glorificava uma etnia americana imaginária, em contraste com a realidade multiétnica que prevalece no país.

Com essa retórica conservadora, o trumpismo tenta exacerbar a divisão cultural entre os Estados Unidos e o resto do mundo. Ele revive um legado protecionista e patriótico, em oposição ao liberalismo cosmopolita, para regenerar princípios soberanistas enraizados no racismo e no anticomunismo. Baseia-se em tradições da extrema-direita, que no passado incluíam uma forte afinidade com a Ku Klux Klan. A Ku Klux Klan e o Apartheid na África do Sul.

Essa ideologia sustenta as milícias neofascistas que formam a ala extremista do trumpismo e personificam a nefasta tradição de violência em uma sociedade corroída por massacres endêmicos nas ruas e escolas. A militarização imperial externa que Trump reavivou é o principal pilar dessas milícias e de sua cultura belicosa, viril e paranoica.

PROTESTOS POPULARES E DEGRADAÇÃO SOCIAL

Trump enfrentou uma rejeição generalizada nas ruas, que está minando seu governo por baixo da superfície. Esses protestos lhe causaram uma grande derrota em Minneapolis, após o brutal assassinato de uma mulher por agentes do ICE. Sob a onda de indignação pública provocada por esse assassinato, ele foi forçado a retirar os grupos paramilitares da cidade.

O magnata enfrentou a mesma rejeição nas principais cidades do país. Para reprimir os protestos em Los Angeles, ele mobilizou a Guarda Nacional e entrou em confronto direto com o governador da Califórnia. Confrontos semelhantes ocorreram em outros lugares, resultando, em última instância, na retirada das milícias neofascistas que alimentavam suas provocações.

Essas bandas também foram afetadas pela participação extraordinária de milhões de pessoas nas marchas contra Trump. Em mais de 2.000 cidades, os protestos, convocados sob o lema unificador "Chega de Reis", abriram um canal de repúdio massivo ao presidente.

Também foi importante a convergência dessas mobilizações em defesa dos imigrantes com a condenação das incursões militares no exterior. Nas mesmas operações contra imigrantes indocumentados, veteranos que protestavam contra a guerra no Irã foram presos.

Muitos destacaram a presença de um movimento embrionário semelhante ao que abalou todo o país durante a Guerra do Vietnã. O legado dessa resistência de rua está muito presente na história contemporânea do país. A luta contra essa intervenção imperial levou ao fim do serviço militar obrigatório e à consequente ruptura na participação de várias gerações em incursões estrangeiras (Chomsky, 2004) . Essa ruptura representa uma barreira substancial ao ressurgimento do militarismo em larga escala. A inclinação de Trump para a guerra enfrenta o mesmo limite que afetou seus antecessores (Hernández Martínez, 2021).

Esse cenário prenuncia grandes dificuldades para o magnata nas eleições de novembro. Trump forçou um acordo com o Irã para mascarar o fracasso daquela incursão, mas é altamente improvável que essa distensão lhe permita reverter seu declínio. Ele também ficou enfraquecido em sua capacidade de levar adiante as manobras de fraude ou proscricção que seus associados estão preparando para as eleições de meio de mandato.

Nesse contexto de adversidade, suas chances de usar o modelo político americano desgastado e anacrônico a seu favor estão diminuindo . Um sistema estruturado em torno do custo bilionário de disputas eleitorais e negociações intermináveis entre grupos de pressão já não beneficia o magnata.

Nesta ocasião, as posições adotadas pelo A plutocracia digital, que primeiro controlou e mercantilizou as redes e agora busca estender esse controle ao sistema político, está embarcando na criação de um modelo de " pós- democracia digital" gerenciado diretamente pela elite bilionária.

Mas Trump está principalmente sofrendo com seu fracasso em cumprir as promessas de melhorar o padrão de vida da população e começa a vivenciar em primeira mão o colapso estrutural do Sonho Americano. Os Estados Unidos ocupam o último lugar entre as nações desenvolvidas em indicadores de saúde, o 46º em expectativa de vida, o 27º em mobilidade social e o 26º em educação. Lideram o mundo em taxas de encarceramento e mortes por armas de fogo ou tiroteios em escolas.

O país também figura entre os primeiros em falências familiares devido a despesas médicas ou obesidade infantil. Apresenta uma sociedade interna fragmentada, violenta e desigual, que já não é vista como modelo pelo resto do mundo (Torres López, 2026). O declínio econômico e a ruptura da coesão interna estão destruindo essa antiga idealização (Chomsky; Prashad, 2012).

O fracasso de Trump confirma que não há qualquer possibilidade de recriar a era de ouro do capitalismo americano. Essa frustração mina a estratégia soberanista proposta pelo magnata.

* Economista, pesquisador do CONICET, professor da Universidade de Buenos Aires. Seu site é: www.lahaine.org/katz

Referências

- García Linera, Álvaro (2023) Livre comércio? “Para o inferno com isso”, 25-2-2023 <https://www.pagina12.com.ar/526478-libre-comercio-al-infierno-con-eso>
- Lapavitsas , Costas (2026). “O poder do dólar depende mais da capacidade coercitiva dos EUA do que de sua economia” <https://rebellion.org/el-poder-del-dolar-depende-mas-de-la-capacidad-coercitiva-de-eeuu-que-de-su-economia/>
- Roberts Michael (2026). IA: Uma Oportunidade Única 08/06/2026 <https://www.sinpermiso.info/textos/ia-una-oportunidad-unica>
- Chomsky, Noam (2004), Hegemonia ou Sobrevivência, Grupo Editorial Norma, Bogotá (acessado em 26-4-2023)
- Hernández Martínez, Jorge (2021) Estados Unidos: hegemonia e imperialismo. Economía y Desarrollo vol.165 no.1 Havana Jan.-Jun. 2021, Epub 15 de dezembro de 2020 <http://orcid.org/0000-0001-7264-6984>
- Torres López, Juan (2026). O doloroso declínio dos impérios <https://rebellion.org/el-doloroso-declive-de-los-imperios/>
- Chomsky, Noam; Prashad, Vijay (2012) Introdução A Retirada 15-9-2022 <https://www.zendalibros.com/la-retirada-de-noam-chomsky-y-vijay-> (Acessado em 26-4-2023)